



PARA QUEM LEVA A EDUCAÇÃO A SÉRIO E FAZ DA VIDA UM ETERNO APRENDIZADO

Atividade formativa de História

Professor(a) da Disciplina: Sandra	Data de entrega: 27 / 05 / 2020	1º TRIMESTRE
e-mail do professor tutor: sandramatoshistoria@gmail.com		
Aluno (a):	Nº	Nota:
2º ano ___ Ensino Médio	Período: Matutino	Valor da avaliação: 5,0

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

O rei que enganou Napoleão. E veio reinar no Brasil

Há 200 anos, D. João aportou no Rio de Janeiro fugindo das tropas de Napoleão. Muito a contragosto, tornou-se uma figura importante na trajetória do Brasil, mudando a nossa história e a dos portugueses.

LEILA KIYOMURA

Sete de março de 1808. Quando D. João foi entrando devagar na Baía da Guanabara com a sua nau, Príncipe Real, de 67 metros de comprimento, ficou perplexo. Sol escaldante, céu azul e o mar sinuoso. Ele ali, soberbo, com a rainha Maria I e mais de mil tripulantes. Cem dias de viagem e o príncipe-regente e sua Corte, como mandava o figurino, trajados de roupas pesadas de veludo, sapatos de fivelas, perucas... A paisagem era muito diferente da cidade da epidemia de dengue, da violência, das favelas, da alegria do Flamengo, das garotas de Ipanema.

D. João se deparou com uma capital colonial semelhante a uma vila africana com outros problemas e epidemias. Como lembra Jurandir Malerba, professor da Unesp e autor do livro *A Corte no exílio*, era uma cidade destituída de qualquer conforto para recepcionar a monarquia, sem recolhimento de dejetos e com a metade da população constituída por escravos ou escravos libertos. Um povo com o hábito de mascar e cuspir tabaco para anular os efeitos da falta de urbanização. Porém, ficou impressionado diante da baía deslumbrante, diferente de tudo que tinha visto em Portugal, a mesma que até hoje atrai turistas do mundo inteiro.

[...]

“Até que ponto a vinda da família real influenciou a independência brasileira? Ou criou uma identidade nacional?”, questiona Ana Paula Chinelli, diretora da programação. “A nossa equipe procurou

trazer diversos pontos de vista, analisando as curiosidades da instalação da Corte e o impacto das mudanças implantadas por D. João na nossa história.”

Para ampliar o debate, o Jornal da USP também conversou com historiadores sobre os 200 anos da vinda da Corte portuguesa. Uma celebração que, em vez de elucidar os fatos, vem, segundo os especialistas, aumentando os mitos. Na pressa de cumprir a pauta das efemérides, a mídia, segundo os especialistas, aumenta os equívocos da história.

Revisão da história – “Vejo toda e qualquer efeméride como um bom pretexto para uma revisão da história, divulgação e reflexão”, observa João Paulo Garrido Pimenta, professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas (FFLCH) da USP. *“No caso de 1808, não vejo de modo diferente. Embora alguns acontecimentos do passado possam e devam ser comemorados, não é este o caso. Não que se trate de algo negativo, mas simplesmente porque o que ocorreu em 1808 é importantíssimo por si só. É essa importância que deve ser compreendida. Trata-se de uma profunda ruptura na história do império português, da qual a do Brasil fazia parte, e que começou a criar as condições para a independência de 1822.”*

[...]

Monarca típico – Importante lembrar, no entanto, que a mídia se baseia nas pesquisas dos historiadores, que, por sua vez, reclamam que as suas opiniões são distorcidas e fragmentadas. Mas como é a figura real de D. João? *“O único soberano europeu a colocar os pés em terras americanas em mais de quatro séculos e foi quem transformou uma colônia em um país independente”,* escreve o jornalista Laurentino Gomes no livro 1808. Ou, como aponta Malerba, uma figura importante na trajetória do país. Pois era o mandatário do império português nesse quadrante fundamental da história mundial do império português que se estendia pela América, África e Extremo Oriente. *“No entanto, devemos ser ponderados nesse juízo”,* alerta o professor. *“Para ficar na estrita esfera do estado e das relações diplomáticas, D. João não teria feito sozinho o que fez. Havia um aparato do estado e uma cultura política dentro da qual se movia. Mas não fosse ele, não tivesse morrido seu irmão D. José, não tivesse incapacitada sua mãe, a rainha D. Maria, como agiria outro mandatário? Não se pode desprezar a força das circunstâncias.”*

Para Garrido Pimenta, é um equívoco considerar D. João um benfeitor do Brasil, pois nisso ele não pensava. *“Também é uma barbaridade considerá-lo um estadista soberbo, especialmente talentoso, bem como seu extremo oposto: um bonachão panaca que era traído por sua mulher. Era um estadista comum, típico, só que atuando em um contexto especialmente dramático.”*

Laurentino Gomes descreve D. João como um príncipe medroso, mas que passou para a história “relativamente bem-sucedido, especialmente quando comparado aos seus pares da época, todos destronados, exilados, presos ou mesmo executados pela onda revolucionária francesa. Príncipe regente e, depois de 1816, rei do Brasil e de Portugal, ele tinha medo de siris, caranguejos e trovoadas. Durante as freqüentes tempestades tropicais, refugiava-se em seus aposentos na companhia do roupeiro predileto, Matias Antonio Lobato. Ali, com uma vela acesa, ambos faziam orações a Santa Bárbara e São Jerônimo até que cessassem os trovões”.

Garrido Pimenta cita D. João como um monarca nem mais nem menos preparado do que a média dos demais monarcas portugueses e europeus de sua época. ***“Seu grande diferencial é que, por força das circunstâncias, teve que enfrentar um desafio incomum: garantir a manutenção da monarquia portuguesa e da unidade do império em meio ao mais sério desafio de sua história, oferecido pelo avanço napoleônico sobre a Península Ibérica. A curto prazo, reagiu muito bem, só que ele não agiu sozinho. Foi amparado por um conselho de ministros.”***

A ideia de transferir a Corte para o Brasil, segundo Garrido Pimenta, não era nova. Foi pensada em outros momentos de dificuldades. “Importante destacar também que as melhorias tomadas por D. João e sua equipe no Rio de Janeiro, a partir de 1808, são pensadas como melhoria para o império português e não para o Brasil. Portanto, é um tremendo equívoco avaliar esse governo em termos de benfeitorias para o Brasil.”

O professor lembra que os fatos são pouco favoráveis às homenagens atuais à vinda do rei. *“Pouco se fala do aumento brutal da importação de escravos africanos ocorrida em 1808, do massacre de povos indígenas que habitavam capitânicas vizinhas ao Rio, uma típica política de extermínio levada a cabo pelo governo de D. João no Brasil, ou de todos os descontentamentos que a nova Corte provocou em outras*

capitanias, como Pernambuco, Maranhão e Pará, que nada ganhavam com essa nova sede. A história dos acontecimentos de 1808 é muito mais sinuosa do que as atuais comemorações deixam ver.”

D. João e a Independência – **Outra dúvida: até que ponto a vinda da família real influenciou a independência brasileira? Será que D. João tinha essa preocupação com o futuro do Brasil?** O historiador Malerba explica que muitos autores não gostam de misturar a vinda da Corte com a Independência. Mas não há como negar essa correlação. “Basta lembrar o que aconteceu na América espanhola, que se esfacelou para o bem ou para o mal, por meio de revoluções cruentas, em inúmeros entes políticos, que, na maioria, adotaram o regime republicano e aboliram o trabalho escravo.”

Malerba afirma que a presença da Corte no Rio de Janeiro imantou as elites locais em torno de um projeto de poder que exigia a manutenção da integridade social, mas particularmente a manutenção do regime produtivo, baseado na concentração da terra, na produção monocultora voltada ao abastecimento externo e no trabalho escravo. “Esse foi o botim que receberam as elites locais em troca da preservação de um corpo político unitário, monárquico, que manteve à testa um herdeiro da Casa de Bragança.”

[...]

Dois séculos depois, como podemos pensar nos efeitos do governo de D. João na realidade atual? Será que existem? “Talvez seja forçar nas tintas derivar o Brasil de hoje daqueles acontecimentos”, reflete Jurandir Malerba. **“Mas duas coisas são fundamentais: primeiro, que D. João trouxe consigo todo um aparato do estado português. Aqui se instalou a máquina administrativa do império com suas mesas, secretarias e desembargos, com suas forças militares. Ora, um ano depois do retorno do rei houve a Independência e aqui já havia um estado em pleno funcionamento, que sofreu poucos ajustes de imediato. Segundo ponto importante foi o modo como se deu a aproximação do período joanino, do príncipe-regente e sua corte com as elites residentes no Rio de Janeiro, num sistema simbiótico de toma-lá-dá-cá que definiu qual seria o projeto vitorioso após a emancipação política: o das elites do centro-sul, que assumiram as rédeas do estado nascente e se arrogaram a primazia da construção do estado monárquico ao longo do século 19 à sua imagem e semelhança. Muitos dos vícios de nossa história política, até os dias de hoje, remontam a esse momento fundador do estado e da nação brasileira e da forma como isso se deu ao longo do século 19.”**

Na avaliação de Garrido Pimenta, a falta de conteúdo histórico na divulgação das comemorações desses 200 anos leva a uma reflexão importante. “De todo modo, considero como trágico o fato de que o Brasil insiste em ignorar o papel nodal, crucial da educação de qualidade como ferramenta de desenvolvimento da nação. Nossa incapacidade de conhecer minimamente nossa história é apenas uma parte disso, que evidentemente joga para muito longe a possibilidade de divulgações e revisões críticas acerca dessa história.”

<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2008/jusp826/pag10.htm>, acesso em 16/05/2020

Observação: esse texto foi publicado quando completaram 200 anos da chegada da Família Real portuguesa ao Brasil.

Leia atentamente o texto acima, releia atentamente o capítulo 5 do livro texto sobre o período Joanino para realizar a atividade proposta.

Proposta de atividade: TEMA: **Período Joanino no Brasil e a transferência da Família real – Valor: 5,0**

Criar uma apresentação retratando a presença da Família Real no Brasil - Monte uma pequena apresentação em Power Point **com imagens e textos curtos** retratando esse período. Seguindo as orientações abaixo:

- Inclua um destaque para o Museu Nacional do Rio de Janeiro antes (Período Joanino e hoje após o incêndio em 02 de setembro de 2018).
- As transformações urbanísticas realizadas na cidade do Rio de Janeiro;
- Mudanças econômicas e políticas;
- Abordar os impactos sociais relacionando-os ao texto.
- Inserir imagens iconográficas do período: Jean-Baptiste Debret e outros artistas;
- Expedições científicas e artísticas do período.

Será levado em consideração para critérios de avaliação:

✓ Pontualidade; (27/05 – data limite)

✓ Criatividade;

✓ Abordagem histórica;

✓ Coerência com a proposta;

Não esquecer:

- citar a fonte das imagens e textos.
- **textos curtos e claros** – os destaques devem ser dados às imagens.

Salvar o trabalho com seu nome, número e série

Enviar para o email citado acima.

No assunto colocar: NOME, No., SÉRIE – Trabalho: Período Joanino